

## A Progressão Do Sábado No Movimento Millerita e Período de Formação da IASD: Uma Cronologia da Aderência ao Sétimo Dia no Adventismo

---

Melissa Querido Batista<sup>1</sup>

**Resumo:** O sábado é um elemento essencial na doutrina da Igreja Adventista do Sétimo Dia. A igreja foi formada por um grupo pertencente ao chamado Movimento Millerita, o qual inicialmente não tinha interesse no assunto. Desta forma, este artigo procura analisar o desenvolvimento e variadas opiniões acerca do quarto mandamento do decálogo no Millerismo e período de formação da Igreja Adventista. Para isso, foi feita uma coleta de dados documentais e bibliográficos sobre o sétimo dia entre 1840 e 1862. A pesquisa apresenta a pluralidade de pensamentos contra e a favor do dia, bem como personagens significativos para que o sábado fosse aceito como dia de descanso na igreja. Visto a importância do quarto mandamento para os adventistas, o artigo é de extrema relevância para compreender melhor como o sétimo dia foi visto e compreendido por seus predecessores e fundadores.

**Palavras-chave:** Sábado; Movimento Millerita; Grande Desapontamento; Adventismo.

**Abstract:** The Sabbath is an essential element in the doctrine of the Seventh-day Adventist Church. The Church was formed by a group belonging to the so-called Millerite movement, which had no interest in the subject. Thus, this article seeks to analyze the development and varied opinions about the fourth commandment in the Millerite movement and the formation period of the Adventist Church. To this end, a collection of documentary and bibliographical data on the seventh day between the years of 1840 and 1862 was made. The research presents the plurality of thoughts for and against the day, as well as significant figures in the acceptance of the Sabbath as a day of rest in the Church. Given the importance of the fourth commandment for Adventists, the article is extremely relevant to better understand how the seventh day was viewed and comprehended by its forerunners and founders.

**Keywords:** Sabbath; Millerite Movement; Great Disappointment; Adventism.

.....  
<sup>1</sup> Melissa Querido Batista. Graduada em Tradutor e Intérprete. Centro Universitário Adventista de São Paulo, Engenheiro Coelho, SP, Brasil. E-mail: [melquerida13@gmail.com](mailto:melquerida13@gmail.com).

## 1. Introdução

O Movimento Millerita teve seu início em 1830, quando William, ou Guilherme, Miller, começou a pregar a breve volta de Cristo a partir de cálculos provenientes das profecias bíblicas, em especial as 2.300 tardes e manhãs em Daniel 8:14. O Millerismo teve sua culminação em 1844, quando seus seguidores esperaram Jesus no dia 22 de outubro e foram subsequentemente frustrados ([KNIGHT, 2015](#)). Embora o movimento tenha lentamente se fragmentado em grupos distintos e posteriormente se dispersado após o Grande Desapontamento, como ficou conhecido, alguns de seus adeptos permaneceram firmes em suas convicções, procurando outras interpretações para o que poderia ter acontecido naquele dia.

Um dos grupos de milleritas viria a formar a Igreja Adventista do Sétimo Dia, uma organização diretamente oriunda desse movimento, que indica, no próprio nome, uma de suas principais crenças, o sétimo dia como dia de guarda. A igreja, a qual entende a Lei dos Dez Mandamentos como válida e em vigor para todo o que crê no Deus da Bíblia, foi organizada oficialmente em 1863, quando seus membros já viam o sábado como o verdadeiro dia de descanso ([KNIGHT, 2015](#)).

Nos anos pré-millerismo, contudo, o panorama era outro. Numa época em que o domingo era quase absolutamente tomado como dia do Senhor, os milleritas não eram diferentes. No entanto, há ocorrências de menções ao sétimo dia na história millerita e no período de formação da Igreja Adventista; desde o uso do sábado como ferramenta de interpretação profética, críticas e debates quanto à guarda do dia, até endossos dele como dia de descanso.

Com isso em mente, o atual artigo tem como objetivo assinalar a cronologia da opinião e compreensão sobre o sétimo dia no Movimento Millerita e período de formação da Igreja Adventista, destacar quando e porque a transição de aceitação do primeiro para o sétimo dia ocorreu, bem como os grandes responsáveis por essa mudança de paradigma.

## 2. O Sábado para Guilherme Miller e o Movimento Millerita

O Movimento Millerita era composto de uma membresia multicongregacional, o que resultou em um grupo onde muitas ideias, doutrinas e ensinamentos eram propostos e defendidos. Entretanto, algo quase absolutamente aceito por todos os milleritas pré-

desapontamento era a guarda do primeiro dia da semana como dia do Senhor ([KNIGHT, 2015](#)).

De fato, o sábado do sétimo dia era mencionado, em grande parte, apenas como um acessório para assuntos como o milênio ou cronologia bíblica; uma ferramenta para auxiliar nos cálculos das profecias. Autores como Miller (1842a) e Himes (1841) utilizavam o dia desta maneira. Em um artigo que tratava da contagem do tempo de acordo com a Bíblia publicado em 1840, o autor faz um pequeno adendo nas notas de rodapé, em que afirma: “O fato da instituição inicial do sábado do sétimo dia é geralmente admitido, por mais pouco que seu uso e inclinação típica sejam compreendidos” ([CAMBELL, 1840, p. 59, tradução nossa](#)).

A incompreensão de Cambell sobre o sábado da Criação demonstra como o tema era negligenciado pela maioria dos milleritas. A dispensação do assunto se torna mais alarmante quando se leva em consideração que no artigo o autor usa o ciclo de sete para justificar suas opiniões, sem entender completamente o significado do sábado, a primeira finalização desse ciclo encontrada na Bíblia.

Essa desatenção prevaleceu ao longo do movimento, sendo testemunhada posteriormente por Rachel Oaks em 1844, figura que será abordada mais abaixo, essencial para o protagonismo do sábado no adventismo. Os milleritas não se atentaram à mensagem de Rachel, pois o sábado não lhes parecia tão importante ante a promessa da iminente volta de Cristo ([THOMSEN, 1971; BURT, 2002](#)).

Ainda assim, há evidências de que o sábado já estava sendo difundido por milleritas sabatistas entre os anos de 1841 e 1844, antes do Grande Desapontamento ([BURT, 2002](#)). O primeiro texto em que o sábado é proposto como dia de guarda por um millerita sabatista data de 1º de abril de 1841. A carta, publicada pela revista millerita *Signs of the Times*, foi escrita por James A. Begg. Segundo Burt (2002), na carta, Begg, provavelmente um batista do sétimo dia, expressa sua crença no sábado como dia de guarda.

Um mês depois, foi publicado nessa mesma revista um artigo esclarecendo a visão dos milleritas sobre o papel do sétimo dia na Bíblia e na vida cristã. Quer ou não a matéria tenha sido escrita por conta da carta de Begg, não se sabe ao certo, porém, ao se considerar o desinteresse millerita pelo tópico, o período entre as publicações sugere que esse pode ter sido o caso. O texto argumentava:

Vimos seis dias, ou seis mil anos quase passados, durante os quais a nova obra da criação avançou, e precisamos esperar o sétimo dia, ou mil anos, de um

glorioso sábado, como se estivesse próximo; quando o Senhor Jesus Cristo descansará com seus redimidos [...] Deus fez uma aliança com seu povo, um sábado eterno ([BURT, 2002, p. 49, apud THE ORDINANCE..., 1841, p. 22](#)).

De fato, o próprio Miller expressou opiniões similares posteriormente em um de seus artigos, cujo tema era o sábado e seu significado. Intitulado *A Lecture On The Typical Sabbaths And Great Jubilee* (Uma Palestra Sobre os Sábados Típicos e o Grande Jubileu), foi publicado em 1842, e clarifica a opinião do pregador acerca do sétimo dia. Nele, observa-se que Miller via o sábado como uma sombra da volta de Jesus. Ao comentar sobre Êxodo 20:11, ele afirma:

[Deus], portanto, santificou o dia e o abençoou, e o deu ao seu povo e ao mundo como um sinal, símbolo ou tipo de que o mundo, embora cheio de pecado e amaldiçoado pela transgressão do homem, e as pessoas que são consideradas dignas de obter a mesma herança ou descanso, deveriam em seis dias ser renovados, pelo grande Mediador que fará novas todas as coisas ([MILLER, 1842a, 22-23, tradução nossa](#)).

Para ele, portanto, o sábado era um símbolo, um tipo, cujo propósito era apontar para a volta de Cristo ([MILLER, 1842b](#)). Sua convicção quanto ao assunto era tanta que ele declara: “Que o sábado tipifica o tempo, bem como o descanso, é tão claro para mim quanto que a luz segue os raios do sol ou as sombras descobrem a forma da substância” ([MILLER, 1842a, p. 23, tradução nossa](#)). Ainda assim, Miller declararia posteriormente que enxergava o quarto mandamento como perpétuo, escrito pelo dedo de Deus, como um sinal eterno:

O fato de estar contido nos dez mandamentos, escritos pelo dedo de Deus, nas duas tábuas do testemunho, gravadas em pedra, para ser um sinal para sempre e uma aliança perpétua, prova, em minha opinião, sem sombra de dúvida, que é tão vinculativo para a igreja cristã quanto para os judeus, da mesma maneira e pela mesma razão ([MILLER, 1842b, p. 157, tradução nossa](#)).

Assim, mesmo sendo um tipo, o dia de descanso, quer fosse o sétimo ou primeiro dia da semana, era um mandamento, uma aliança eterna entre Deus e seu povo. No entanto, para Miller, o domingo seria o dia correto de guarda, posição que manteve até seus últimos dias. Ao discorrer sobre o assunto, ele comenta:

Eu digo o primeiro [dia]; por duas razões. Uma é a ressurreição de Cristo, e seu encontro frequente com os discípulos depois naquele dia. Isso, com o exemplo dos apóstolos, é uma forte evidência de que o sábado da criação apropriado para o homem está no primeiro dia da semana. Pois Adão deve ter descansado no primeiro dia após sua criação, sendo ele a última obra de Deus, e então Deus descansou. Adão deve ter descansado no primeiro dia de sua vida, e assim você verá que para Adão foi o primeiro dia da semana; pois não seria razoável supor que Adão começou a contar o tempo antes de ser criado. Ele

certamente não poderia trabalhar seis dias antes do primeiro sábado. E assim com o segundo Adão; no primeiro dia da semana ele ressuscitou e viveu. E descobrimos pela Bíblia e pela história, que o primeiro dia da semana foi observado posteriormente sempre como um dia de adoração ([MILLER, 1842b, p. 158](#)).

Destarte, sua justificativa para o primeiro dia como dia de descanso considera motivos comuns apresentados tanto naquela época quanto nos dias de hoje, como o fato de Jesus ter ressuscitado em um domingo e as ocasiões subsequentes em que o dia é mencionado no Novo Testamento. Entretanto, ele apresenta ainda outra razão. Miller propõe dois pontos de vista separados no relato da Criação, o de Deus e o de Adão. De acordo com Miller, do ponto de vista de Deus, o sétimo dia foi o dia de descanso, pois Ele criou o mundo e, no sétimo, descansou. No entanto, para o homem, o dia de descanso foi o primeiro dia de sua vida, assim, o primeiro dia seria o dia de guarda.

Contudo, a inquietação a respeito do tópico não seria totalmente atenuada. O ano de 1844, além de ter sido pelos milleritas como o ano da volta de Cristo e do subsequente desapontamento, também foi o ano em que o sábado começou a chamar a atenção de um grupo seletivo no movimento. A primeira tentativa bem-sucedida de levar o sétimo dia ao Movimento Millerita se deu na primavera de 1844, por uma então batista do sétimo dia, Rachel Oaks.

### 3. Rachel Oaks Preston e o Evangelismo Sabatista

Rachel, ou Raquel, Oakes Preston nasceu em 22 de fevereiro de 1809 em Vernon, Vermont. Casou-se duas vezes, a primeira com Amory Oaks em 1824 e a segunda com Nathan T. Preston entre 1844 e 1847. De seu primeiro casamento nasceram duas filhas, Rachel Delight e Sarah ([KAISER, 2023](#)).

Aos 17 anos foi batizada na Igreja Metodista, mas tomou consciência do sábado do sétimo dia e confrontou seu ministro acerca do assunto, afirmando que guardaria o sábado bíblico. Depois de muita oposição, ele consentiu que ela guardasse o sétimo dia, desde que não deixasse a congregação ([HASKELL, 1868](#)). Isso, no entanto, foi em vão, já que Rachel se juntou à Igreja Batista do Sétimo Dia em dezembro de 1835 ([KAISER, 2023](#)).

Em 1841 ela se mudou para Washington, New Hampshire, onde Delight estava trabalhando como professora da escola local. Ali as duas se familiarizaram com o Movimento Millerita e o segundo advento de Cristo. Passou a frequentar a igreja da

cidade e, em um domingo, no início de 1844, participou da Santa Ceia. Na ocasião, o pregador, Frederick Wheeler, enfatizou a importância de guardar os mandamentos de Deus ([HASKELL, 1868](#)). A afirmação do pastor deixou-a visivelmente inquieta e, posteriormente, Rachel explicou-lhe o porquê de seu desconforto:

“Eu quase me levantei no culto naquele momento”, ela lhe disse, “e falei algo”. “O que você queria dizer?” ele perguntou a ela. “Eu queria lhe dizer que seria melhor você colocar a mesa de comunhão de volta no lugar e colocar a toalha sobre ela, até que comece a guardar os mandamentos de Deus” ([SPICER, 1940, p. 8, tradução nossa](#)).

A declaração pode ter sido considerada dura, mas foi eficaz. Como resultado, Wheeler se converteu ao sabatismo, guardando seu primeiro sábado em março de 1844 e subsequentemente declarando sua intenção de observar o quarto mandamento publicamente. O anúncio teve repercussão e, em algum momento da primavera daquele ano, uma grande parte da igreja de Washington tomou a decisão de guardar o sétimo dia ([SPALDING, 1961](#)).

Rachel viria a se tornar uma adventista posteriormente. Porém, com a ascensão do ministério profético de Ellen White,<sup>2</sup> ela passou a ouvir muito sendo falado contra o casal White por indivíduos que estavam descontentes e “procuravam aliviar suas mentes envenenando outros”, o que fez com que ela se tornasse “fria na religião e, até certo ponto, preconceituosa com os testemunhos” ([HASKELL, 1868, p. 190, tradução nossa](#)) mesmo nunca tendo conhecido os White. Por isso, se afastou do adventismo por um longo período de sua vida. Assim foi até que, em 1868, um amigo lhe enviou o livro Testemunhos para a Igreja 13, e, ao ler, mudou de ideia e se reconciliou com o casal White e com a igreja ([HASKELL, 1868](#)).

Rachel Oakes Preston faleceu aos 59 anos, no dia 1º de fevereiro de 1868. Em seu funeral, cerca de 5.000 sabatistas estiveram presentes prestando luto. Em seu túmulo está escrito: “foi usada por Deus para trazer a verdade do sábado à igreja adventista do sétimo dia em Washington, New Hampshire, que se tornou a primeira igreja adventista sabatista nos EUA” ([SPALDING, 1961, p. 400, tradução nossa](#)). Sobre sua contribuição, Tiago White alega que Rachel:

Introduziu o sábado aos adventistas de Washington e causou uma boa impressão. Com a ajuda das publicações de seu povo [os batistas do sétimo dia] e a bênção de Deus, quarenta ou cinquenta abraçaram o sábado. A verdade

.....

<sup>2</sup> Pioneira da Igreja Adventista do Sétimo Dia tida como profetisa pela mesma. Ela e o marido, Tiago White, foram dois dos principais fundadores da Igreja Adventista.

sobre esse assunto alcançou outros pontos em New Hampshire... ([WHITE, 1868, p. 104, tradução nossa](#)).

Haskell, em seu obituário, afirma que “ela dorme, mas o resultado de ter difundido o sábado entre os adventistas vive” ([HASKELL, 1868, p. 190, tradução nossa](#)). De fato, entre as “fagulhas” sobre o sábado encontradas no Movimento Millerita, foi a de Rachel Preston que desencadeou o ardor pelo qual os adventistas do sétimo dia têm o quarto mandamento hoje.

#### **4. Frederick Wheeler e a Congregação de Washington, New Hampshire**

Considerado o primeiro pastor millerita ordenado a pregar a observância do sábado, Wheeler nasceu em 12 de março de 1811 em Acton, Massachusetts. Originalmente um pastor da igreja metodista, tomou conhecimento de Miller e sua mensagem em 1842, quando leu algumas de suas publicações. Wheeler era pastor da igreja de Washington, New Hampshire, onde, como mencionado acima, Rachel Oaks viria a visitar em 1844 ([GOMIDE, 2020](#)).

As circunstâncias sob as quais sua congregação se converteu variam. O número exato e datas referentes ao acontecimento nem sempre são compatíveis ([SPALDING, 1961](#)), mas é evidente que foi uma transição complicada, visto que a guarda do domingo era não apenas comum e aceita, mas de certa forma, esperada socialmente. Após aceitar o sábado, um dos membros da igreja de Washington, William Farnsworth, encontrou alguns cidadãos de sua cidade enquanto trabalhava no domingo. Estes ameaçaram colocá-lo sob prisão quando viram que Farnsworth estava cortando madeira, e não indo à igreja como eles. Ele, entretanto, não aderiu às suas objeções, continuando seu trabalho. A intimação não resultaria em nada, e ele prosseguiria com sua nova rotina semanal ([ROBINSON, 1944](#)).

Quanto à sua contribuição pioneirística, é importante salientar sua disposição para ouvir e aceitar o sábado; bem como sua integridade, demonstrada no fato de ter declarado publicamente suas convicções diante das circunstâncias apresentadas acima. Ele não apenas aderiu ao sábado, mas também pregava e pleiteava a seu favor, primeiramente à sua congregação, e posteriormente a outras. Essa ação, como será visto à frente, foi vital para a continuidade da mensagem do sábado como dia de guarda ([GOMIDE, 2020](#)). A importância de Wheeler para a igreja se reflete em sua lápide, que declara: ele foi “um pastor pioneiro dos adventistas do sétimo dia” ([COLLINS, 2011](#)).

## 5. Discussões Acerca do Sábado em 1844

A congregação de Washington, New Hampshire, não foi a única a tomar nota do quarto mandamento no contexto millerita neste ano. No início de setembro de 1844, dois artigos acerca da polêmica entre sábado e domingo foram publicados no periódico millerita *Midnight Cry*, em que o editor declara: “Muitas pessoas têm a mente profundamente preocupada acerca de uma suposta obrigação de observar o sétimo dia” ([LOUGHBOROUGH apud MIDNIGHT..., 2014, p. 209](#)). Tal introdução sugere que o assunto estava sendo abordado por uma quantidade significativa de milleritas. Ele prossegue: “Nós amamos os irmãos e irmãs do sétimo dia, mas pensamos que eles estão tentando consertar o velho e quebrado jugo judaico” ([BURT apud THE LORD’S..., 2002, p. 50, tradução nossa](#)). A separação entre judeus e cristãos não é incomum na discussão sábado-domingo, porém, como visto anteriormente, o próprio Miller confirma que o sábado, ou descanso, é uma aliança para ambos. Essa contradição continua, pois, ao estudar sobre o assunto, o autor prossegue:

Na semana passada, fomos levados à seguinte conclusão: Não há nenhuma porção específica de tempo que os cristãos sejam obrigados por lei a separar como tempo sagrado. Se essa conclusão estiver incorreta, pensamos, então, que o sétimo dia seja o único dia para a observância do qual haja qualquer lei ([LOUGHBOROUGH apud MIDNIGHT..., 2014, p. 209](#)).

O editor ainda sugere que aos irmãos que “parem de aplicar a palavra ‘sábado’ ao primeiro dia da semana”<sup>3</sup> ([BURT apud THE LORD’S..., 2002, p. 51, tradução nossa](#)). Contudo, mesmo não tendo sido capazes de encontrar na Bíblia evidências para a guarda do domingo e sugerirem que a palavra sábado não fosse confundida com o primeiro dia da semana, a posição da imprensa millerita não foi alterada. No mesmo mês, outro artigo que brevemente defendia o domingo foi publicado:

Que a lei está inteiramente e para sempre abolida, em suas partes típicas e cerimoniais, e que temos substitutos para o que não foi cumprido e para o que deveria ser retido como parte apropriada do culto religioso [...] parece muito conclusivo. --- **Para o sábado primitivo, temos ‘o dia do Senhor’**; para a circuncisão, o batismo; para a Páscoa, a ceia do Senhor... ([TENTH, 1844, p. 61, grifo e tradução nossa](#)).

.....  
<sup>3</sup> Em inglês, há duas palavras que podem ser traduzidas como “sábado” para o português: *Saturday*, quanto ao sétimo dia cronológico da semana, e *Sabbath*, para o dia de descanso do Senhor. O artigo em questão recomenda que a palavra *Sabbath*, se referindo ao dia de descanso, não seja utilizada para se referir ao domingo.

Os opositores do sábado não foram os únicos a se manifestar, entretanto. Há episódios registrados no Movimento Millerita em defesa ao sétimo dia preservados. No dia 2 de outubro do mesmo ano, uma millerita sabatista chamada [S. Blake \(1844, p. 72\)](#), escreveu à revista millerita *Review and Herald*, posicionando-se:

Eu ainda estou com o corpo de crentes do Advento nos princípios fundamentais. Eu amo ver a firmeza, honestidade e coragem moral no crente cristão, sem fugir de nenhuma verdade bíblica, por mais que seja contra nossos interesses mundanos ou visões anteriores; eu sou observadora do sábado bíblico, e gosto de ver devida consideração dada a cada mandamento de nosso bendito Senhor.

Da mesma forma, ao relembrar sobre o debate acerca do sábado nessa época, Thiago White apresenta o relato de um sabatista e um pastor que defendia o domingo. Ele conta:

Quando William E. Arnold, de Rochester, Nova York, declarou, em 1844, ao pastor Joseph Marsh sua convicção sobre o dever de observar o sétimo dia como o sábado, o pastor Marsh respondeu que **a guarda do primeiro dia da semana como o sábado dos cristãos estava claramente provada pela palavra de Deus** e pela invariável prática da igreja cristã. O Sr. Arnold o convidou a dar especial atenção ao assunto. Ele prometeu assim fazê-lo e lhe dar uma posição no domingo seguinte, ocasião em que sua resposta foi simplesmente esta: ele examinara o assunto e ficara convencido de que o sábado era judaico, **não havendo mais dia de descanso para os cristãos** ([WHITE, 2018, p. 226, grifo nosso](#)).

Portanto, o pastor, a princípio convicto da aparente vasta referência bíblica para a guarda do domingo, estudou a Palavra e, ao não conseguir encontrar orientação para tal, aderiu à posição de que já não havia mais dia de guarda; outra vez vendo-se a alegação de que o sábado é uma imposição aos judeus.

A esse ponto, a discussão sobre o tópico parecia estar tomando proporções maiores que os editores milleritas gostariam, já que no dia seguinte à publicação da carta de Blake, o *Midnight Cry* fez a declaração abaixo:

Não podemos alocar mais espaço para este assunto agora. Não queríamos entristecer nenhum querido irmão ou irmã. Nós prezamos o dia do Senhor como um privilégio abençoado. Acreditamos que a constituição do homem exige um descanso semanal do trabalho. Sabemos que a alma precisa ser libertada dos cuidados terrenos, com a mesma frequência. O quarto mandamento está de acordo com as necessidades de toda a humanidade. Consideramos a observância do primeiro dia da semana tão aprazível a Deus quanto a observância do dia que o precede ([BURT apud The LORD'S..., 2002, p. 51, tradução nossa](#)).

De fato, após essa publicação, os periódicos milleritas pararam de falar totalmente sobre o assunto. A polêmica, contudo, chegou ao conhecimento dos batistas do sétimo dia que, em seu jornal, o *Sabbath Recorder*, comemoraram o fato de que um número “considerável” de milleritas estavam guardando o sétimo dia. O número exato de interessados e adeptos do sábado, entretanto, outra vez não é mencionado. Ainda assim, a recorrente aparição do assunto, tanto por defensores quanto por opositores, indica o fervor que estava se iniciando em 1844 entre os milleritas. ([UTTER, 1844](#)).

Que esse interesse pelo quarto mandamento tenha tomado a atenção de tantos milleritas no mesmo ano do Grande Desapontamento não é mera coincidência. Nos anos de 1844 e 1845, uma parcela do movimento se voltou à Bíblia para tentar fazer sentido do que iria acontecer, estava acontecendo e havia acontecido de acordo com as profecias. Foi um período de extenso estudo da Palavra de Deus. Assim o sétimo dia foi “encontrado” por muitos deles ([ZUKOWSKI, 2012](#)).

## 6. Thomas M. Preble e a Primeira Literatura Adventista Sabatista

Thomas Motherwell Preble nasceu no dia 13 de julho de 1810, em Anson, Maine. Um pastor de origem batista do livre arbítrio, teve contato com o Movimento Millerita e, aceitando-o, foi excomungado de sua congregação pouco tempo depois ([CAMPBELL, 2023](#)).

Preble passou a aderir ao sábado em agosto de 1844. Embora não se saiba com certeza, é muito provável que tenha sido devido à influência de Frederick Wheeler e sua congregação, pois esta ficava à 30 milhas da igreja batista de Nashua, que era de responsabilidade de Preble ([SPALDING, 1961](#)). Mesmo não havendo comprovações, John Andrews corrobora com essa conexão: “Preble foi levado a abraçar o sábado por meio de alguns conhecidos observadores do sábado em New Hampshire, e ele o observou fielmente por um tempo” ([ANDREWS, 1862, p. 202, tradução nossa](#)).

Quanto à sua contribuição, Preble é creditado como autor do primeiro artigo adventista acerca do sábado, em 28 de fevereiro de 1845 no jornal *Hope of Israel*. Este artigo se tornaria o panfleto *Tract, Showing That the Seventh Day Sabbath Should be Observed as the Sabbath* (Tratado, Mostrando Que o Sábado do Sétimo Dia Deve Ser Observado Como o Sábado), e seria responsável pela conversão de John Nevins Andrews

e José Bates, dois grandes defensores e teólogos do sábado ([NIX, 1989](#)). [Andrews \(2018, p. 334\)](#) apresenta a opinião de Preble acerca do assunto:

Assim, vemos o cumprimento de Daniel 7:25, com o chifre pequeno mudando 'os tempos e a lei'. Portanto, parece-me que todos aqueles que guardam o primeiro dia como se fosse o sábado, são guardadores do domingo papal e transgressores do sábado divino.

Essa posição, porém, viria a mudar ainda outra vez. Preble abandonaria o sétimo dia posteriormente, voltando a guardar e defender o domingo até seus últimos dias ([ANDREWS, 2018](#)). No entanto, suas publicações influenciaram os personagens seguintes; dois dos maiores fundadores do adventismo sabatista.

## 7. Joseph Bates e a Propagação do Sábado

Um dos principais nomes relacionados ao adventismo sabatista é Joseph, ou José, Bates. Nascido em 8 de julho de 1792, em Rochester, Massachusetts, Bates se tornaria não apenas o autor do primeiro livro adventista sobre o sábado, mas também o responsável por introduzir o tema ao casal White. Ele teve contato com o Millerismo pela primeira vez em 1839, quando participou de uma reunião millerita por sugestão de um ministro de sua igreja. Embora tenha sido cético a princípio, saiu dali convencido da breve volta de Cristo. Nos anos que se seguiram, Bates dedicou seus esforços e dinheiro para a propagação da mensagem adventista ([MORGAN, 2023](#)).

Em abril de 1845, Bates lia o artigo de Preble sobre o sétimo dia e, depois de comprovar o assunto na Bíblia, se convenceu de que o sábado era o verdadeiro dia de guarda ([KNIGHT, 2004](#)). Posteriormente, recordando o ocorrido, ele lembra como pensou “‘ISSO é VERDADE!’ E decidi a partir de então guardar o sábado do quarto mandamento” ([BATES, 1870](#)).

Com essa convicção, entre os meses de abril e maio, ele faria uma viagem até Washington, New Hampshire, para visitar os adventistas sabatistas da igreja de Wheeler. Ele discutiria o assunto com os irmãos extensivamente, concretizando sua crença no sétimo dia ([KNIGHT, 2004](#)).

Após o Grande Desapontamento, a situação financeira em sua casa estava precária, porém, isso não impediu Bates de ser fiel ao quarto mandamento. Depois da visita a Washington, Bates apresentou o sábado a todos que encontrava e logo decidiu escrever um livro sobre o tópico. Em agosto de 1846, Bates publicou o livro *The Seventh*

*Day Sabbath, a Perpetual Sign, From the Beginning to the Entering Into the Gates of the Holy City, According to the Commandment* (O Sábado do Sétimo Dia, um Sinal Perpétuo, Desde o Início até a Entrada pelas Portas da Cidade Santa, Segundo o Mandamento). Graças a esse livro, Tiago e Ellen White adotaram o sábado, passando a guardá-lo no outono daquele ano. Diferente de Preble, Bates manteria sua posição quanto ao sétimo dia até sua morte. Como foi um dos pioneiros mais influentes do adventismo, seu testemunho e publicações teriam um grande peso na opinião da comunidade millerita, difundindo a mensagem mais além ([KNIGHT, 2004](#)).

## **8. John N. Andrews e a Concretização da Posição do Sábado no Adventismo**

A última figura destacada, John Nevins Andrews, nasceu em 29 de julho de 1829, em East Poland, Maine ([VALENTINE, 2020](#)). Embora a data exata seja incerta, Andrews teve seu primeiro contato com o Movimento Millerita quando ainda era um menino, entre 1842 e início de 1843. De fato, no dia 22 de outubro de 1844, John Andrews sofreu o Grande Desapontamento com apenas 15 anos de idade. Mesmo sendo jovem, Andrews não abandonou sua fé ou crença na breve volta de Cristo. Assim como José Bates, Andrews tomou conhecimento do sábado do sétimo dia por meio dos escritos de Preble, tornando-se um sabatista em meados de 1845 ([VALENTINE, 2019](#)).

Sua maior contribuição para o adventismo sabatista, entretanto, viria a se concretizar com a publicação do *History of the Sabbath* (História do Sábado), um livro que consolidou e sistematizou o sábado na Igreja Adventista do Sétimo Dia. Inicialmente publicado em 1859 no formato de quatro artigos na *Review and Herald*, o texto seria expandido ao longo dos anos, chegando em sua forma final em fevereiro de 1874, quando alcançou 512 páginas ([VALENTINE, 2020](#)).

Entre Grande Desapontamento e a organização do grupo de milleritas como Igreja Adventista do Sétimo Dia em 1863, o sábado foi pouco a pouco sendo abraçado pela congregação. Em sua formação, a Igreja Adventista contava com quase 5 mil membros, dentre os quais faziam parte milleritas desapontados e novos conversos, todos adeptos do sábado do sétimo dia ([THOMSEN, 1971](#)).

## 9. Conclusão

Como mencionado anteriormente, o Movimento Millerita, desde seu princípio, era composto de uma membresia desafiadora. Irmãos e irmãs de inúmeros credos se juntaram em um propósito comum, propagar o advento do Salvador. Essa pluralidade de crenças, embora tenha se mostrado adiatória a princípio, afluou-se com a confusão do Grande Desapontamento. Alguns retornaram às suas congregações anteriores, enquanto outros procuraram significado nas Escrituras, o que dividiu o movimento, mas também permitiu que as doutrinas da Igreja Adventista fossem desenvolvidas, entre elas, o sábado.

De um simples acessório, ponto incompreendido, dia insignificante, tema de debate, objeto de crítica e conceito rejeitado, a tópicos de curiosidade, conteúdo de interesse e, posteriormente, reavivamento, defesa e aceitação; a questão do sétimo dia passou por uma longa jornada até se tornar um dos maiores diferenciais da Igreja Adventista. Nem todos os pioneiros viriam a adotar o sábado como dia de guarda, porém, a grande maioria daqueles que o fizeram, manteve sua fé até seus últimos dias.

Muitos argumentos foram utilizados para defender a posição do domingo como dia de guarda no período apresentado. No entanto, as justificativas apresentadas não impediram a propagação do sábado. Uma constante entre os pioneiros citados neste artigo é que, após terem contato com o assunto do sétimo dia, estudaram a Bíblia por si e chegaram à mesma conclusão. Em algum momento, todos entenderam que o sábado era o único dia mencionado na Bíblia como dia de guarda, o que também é verdade para alguns de seus opositores.

Da mesma forma, é importante frisar que a adoção do quarto mandamento não foi obra de uma única pessoa, mas um esforço contínuo e coletivo de homens e mulheres que viram no dia uma verdade negligenciada. Sem esse empenho geral, é muito possível que o sétimo dia não fosse do conhecimento dos adventistas hoje. Em meio a um contexto em que já eram ridicularizados por seu envolvimento com o Movimento Millerita, esses pioneiros ainda assim não abandonaram a fé e defenderam sua posição veementemente. Seus esforços são refletidos hoje nos mais de 22 milhões de guardadores do sábado pertencentes à Igreja Adventista do Sétimo Dia, que têm sobre o dia o mesmo apreço dos pioneiros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREWS, John N. **A História do Sábado e do Primeiro Dia da Semana: o Registro Bíblico do Sábado e como ele Foi Suplantado pela Festa Pagã do Sol**. São Paulo: Adventist Pioneer Library, 2018.

ANDREWS, John N. History of the Sabbath: Sabbath and First-Day Since the Reformation. **Advent Review and Sabbath Herald**, 1862, p. 54.

BATES, Joseph. Meetings in Michigan. **Advent Review and Sabbath Herald**, 23 de Agosto de 1870.

BLAKE, S. [Carta]. **Advent Review**, 2 de outubro de 1844, p. 72.

BURT, Merlin D. **The Historical Background, Interconnected Development and Integration of the Doctrines of the Sanctuary, the Sabbath, and Ellen G. White's Role in Sabbatarian Adventism from 1844 to 1849**. 2002. Dissertação (Doutorado em Filosofia) - Andrews University.

CAMBELL, David. Mr. Cambell on the Mode of Computing Time. **Signs of the Times**, 15 de julho de 1840, p. 59.

CAMPBELL, Michael W. Preble, Thomas Motherwell (1810–1907). **Encyclopedia of Seventh-Day Adventists**, 2023. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=G9ZR&>. Acesso em: 11 nov. 2024.

COLLINS, Norma J. **Retratos dos Pioneiros: Detalhes Inspiradores da Vida dos Primeiros Pioneiros Adventistas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. v. 2.

GOMIDE, Samuel. Wheeler, Frederick (1811–1910). **Encyclopedia of Seventh-Day Adventists**, 2020. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=8AE3&>. Acesso em: 11 nov. 2024.

HASKELL, Stephen N. Obituary Notices. **Advent Review and Sabbath Herald**, 3 de março de 1868, p. 190.

HIMES, J. V. The Sabbath. **Signs of the Times**, 1 de maio de 1841, p. 19.

KAISER, Denis. Preston, Rachel Harris Oaks. **Encyclopedia of Seventh-Day Adventists**, 2023. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=AIQ1&>. Acesso em: 11 nov. 2024.

KNIGHT, George. **Adventismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

KNIGHT, George. **Joseph Bates: The Real Founder of Seventh-day Adventism**. Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 2004.

LOUGHBOROUGH, John N. **O Grande Movimento Adventista**. São Paulo: Adventist Pioneer Library, 2014.